

Muralha

D. DINIS Wall

BOTÕES DE PUNHO

Origem indeterminada |
1.ª metade do séc. XIX | Porcelana/Cobre

-  Par de botões de punho de cerâmica decorados com uma caravela.
-  Estes botões estavam associados a um dos enterramentos na nave da Igreja. São dos poucos objetos de luxo recuperados que permitem distinguir o indivíduo sepultado.

FIGA

Origem indeterminada | Séc. XVIII-XIX | Marfim

-  Pendente em forma de figa.
- Este tipo de objeto, já conhecido na Antiguidade Clássica, era originalmente um símbolo de carácter sexual. Ao longo do tempo, a sua simbologia evoluiu, passando a ser usado como amuleto contra o mau-olhado.

V RÉIS

Lisboa | 1764 | D. José I | Cobre

-  Moeda que integra o espólio da Igreja de S. Julião, relacionando-se com a ocupação posterior ao terramoto. A construção da Igreja iniciou-se nos anos seguintes à sua cunhagem.

X RÉIS

Lisboa | 1799 | D. Maria | Cobre

-  Moeda que integra o espólio da necrópole existente na Igreja de S. Julião

CONJUNTO DE ESTACAS

Lisboa | 2.ª metade do séc. XVIII | Pinho

-  Elementos pertencentes à estrutura do edifício do Banco de Portugal.
- Estas estacas de pinho estavam cravadas verticalmente sob os alicerces do edifício e serviam para estabilizar o solo e as paredes. Todo o quarteirão assenta sobre estacas como estas, típicas das soluções arquitetónicas do período pombalino.

TAÇA

China | Séc. XVI-XVII | Porcelana

-  Fundo de taça de porcelana com pé anelar e decoração azul e branca.
- Esta peça é um exemplo das produções de porcelana chinesas do século XVI-XVII, cuja importação para a Europa foi iniciada pelos Portugueses.
- Foi recolhida num contexto anterior ao terramoto de 1755, numa zona pertencente ao logradouro do antigo Paço Real da Ribeira.

AZULEJO

Sevilha | Séc. XVI | Cerâmica

-  Azulejo com decoração geométrica policroma realizado com recurso à técnica de corda seca, tipicamente mudéjar, muito em voga nos inícios do séc. XVI.
- Supõe-se que tenha integrado uma das divisões do antigo Paço Real da Ribeira, que se estendia até à Muralha de D. Dinis.

PEÇA DE JOGO

Origem indeterminada | Séc. X-XIII | Cerâmica

-  Disco de pequena dimensão que conserva vestígios de pintura (manganês) característica das cerâmicas islâmicas. Na Idade Média, este tipo de peças era usado em vários jogos de tabuleiro.

CABO DE FACA

Origem indeterminada | Séc. XIII | Madeira

-  Cabo de madeira com pequeno fragmento metálico, que poderá ter sido um arranque de lâmina. A sua decoração é comum na arte islâmica, nomeadamente em exemplares de torres de roca do Sul peninsular.
- Esta peça foi encontrada no miolo da muralha, donde se deduz que terá sido utilizada antes de 1294.

TORRE

Origem indeterminada | Séc. X-XIII | Osso

-  Fragmento de objeto em forma de torre decorada com motivos geométricos. O desaparecimento da base impede a identificação clara da sua natureza, que poderá ter sido uma peça de xadrez ou a extremidade de uma roca de fição.

COPO

Origem local possivelmente | Séc. XIII-XIV | Cerâmica

-  Fundo de copo do qual se conserva a base. De paredes muito finas, apresenta alguma rugosidade na superfície exterior.

TALHA

Origem local possivelmente | Séc. XII-XIII | Cerâmica

-  Fragmento da parede de uma talha decorada com estampilhas, típica da época almóada, e com muitos paralelos no Sul do país.
- As talhas eram recipientes utilizados para armazenar alimentos.

CANDIL

Origem local possivelmente | Séc. XII-XVIII | Cerâmica



Peça de bordo trilobado apresentando vestígios de fogo na área do bico, o que demonstra o seu uso para iluminação.

Forma cerâmica de época almóada que sobreviveu em contextos mais recentes.

TAÇA CARENADA

Origem local possivelmente | Séc. XII-XIII | Cerâmica



Fragmento de taça com carena alta bem vincada. Esta forma, que no caso apresenta superfícies toscas, também ocorre com decoração pintada e vidrada.

Este recipiente era utilizado na confeção e no consumo de alimentos.

PANELA

Origem local possivelmente | Séc. XI-XIII | Cerâmica



Parte superior de panela, com decoração em bandas brancas, habitual em contextos islâmicos e medievais.

Este utensílio servia para executar as tarefas quotidianas na cozinha.

BICO DE CANDIL

Origem local possivelmente | Séc. XI-XII | Cerâmica



Bico de candil de paredes facetadas, tradicionalmente designado por "bico de pato". Esta forma de candil era muito difundida nos meios islâmicos do Sul peninsular.

Os candis, também designados por "lâmpadas", "candeias" ou "lâmparinas", eram artefactos de iluminação, cujo combustível era o azeite.

CRÂNIO DE EQUÍDEO

Lusitânia | Séc. I-IV d. C. | Osso



Crânio de equídeo, possivelmente um macho, com cerca de 5 anos de idade.

PESO DE TEAR

Lusitânia | Séc. I-III d. C. | Cerâmica



Peça cerâmica constituente de um tear vertical, utilizada como tensor de fios.

Este tipo de artefacto, já conhecido no mundo grego, é muito comum nos contextos romanos.

AGULHA

Lusitânia | Séc. I-III d. C. | Osso



Agulha em osso. Este tipo de objeto era usado em múltiplas funções como a costura, ou ainda como acessório para o cabelo.

TERRA SIGILLATA

Espanha | 2.ª metade do século I d. C. | Cerâmica



Fundo de prato com pé anelar onde se encontra marca estampilhada e um grafito representando um "X" e possivelmente um "R". As peças de terra sigillata eram comuns na época romana, sendo utilizadas em serviços de mesa.

ALMOFARIZ

Vale do Tibre (Itália) | 1.ª metade do séc. II d. C. | Cerâmica



Fragmento de bordo de almofariz, que apresenta uma estampilha com a legenda "DIONYS(I) DOM LUCILI", indicando uma produção do oleiro Dionysius das oficinas de Domitia Lucilla, a mãe do imperador Marco Aurélio.

Os almofarizes eram principalmente usados em preparações culinárias.

ÂNFORA

Mediterrâneo Oriental | Séc. I-II d. C. | Cerâmica



Bordo e arranque de asa de ânfora, oriunda da Cilícia (atual Turquia), de rara ocorrência em Portugal. A descoberta deste recipiente, usado para transporte de vinho e possivelmente de frutos, testemunha os contactos da cidade com o mundo mediterrânico.

DOLIUM

Lusitânia | Séc. I-III d. C. | Cerâmica



Fragmento de parede de dolium de grande dimensão com grafito "RO(...)" que poderá ser parte do nome do oleiro.

Estes recipientes, destinados a armazenagem de alimentos, eram por vezes enterrados parcialmente, ficando apenas a parte superior à vista.

ÂNFORA

Bética - Guadalquivir | Séc. I-III d. C. | Cerâmica



Fragmento de asa de ânfora produzida na bacia do Guadalquivir (Espanha). Conserva parte da marca de oleiro "SPERA(...)", que corresponderá a "SPERATVS". Esta marca é muito rara, conhecendo-se apenas outras duas ocorrências: uma na Croácia e outra no sudeste da França. Este recipiente era usado para transporte de azeite.